

## LINGUAGEM COMO PRÁTICA SOCIAL E MEDIADORA DA FORMAÇÃO CULTURAL E HUMANA: ALGUMAS REFLEXÕES<sup>1</sup>

Caio César Costa Santos

Mestrando em Letras – área de concentração: estudos linguísticos – pela Universidade Federal de Sergipe.

caio-costa@live.com

### RESUMO

O presente texto vem tratar da importância do fenômeno linguagem para a formação cultural e humana. É, somente, a partir dessa faculdade do ato de comunicar que se é possível corporificar o intelecto humano, em outras palavras, a consciência constituída por meio da construção simbólica e subjetiva da realidade objetiva circundante. Os sentidos transformam as relações sociais em funções psíquicas e, por isso, são elementos constitutivos do homem. Apenas, através desse comportamento, é-se possível se apropriar das objetivações humanas que engendram transformações sociohistóricas herdadas no seio da cultura, evitando assim, a autoalienação.

**Palavras-chave:** Linguagem. Prática social. Cultura.

### ABSTRACT

This paper deals on the importance of the language phenomenon for cultural and human development. It is only from this college act of communicating that it is possible to embody the human intellect, in other words, consciousness formed by means of the symbolic construction of objective reality and subjective surrounding. The senses transform social relations into mental functions and, therefore, they are constituent elements of human being, through this behavior, it is possible to appropriate the human objectifications which cause inherited social and historical transformations within the culture, thus avoiding self-alienation.

**Keywords:** Language. Social Practice. Culture.

### INTRODUÇÃO

O objeto de estudo, análise e pesquisa, nesse texto, é o homem e suas relações sociais. Um ser de natureza eminentemente social, tônica da concepção de Leontiev (1978). Segundo este autor, uma sociedade é mediatizada no interior de transformações sociohistóricas ancoradas e instituídas no seio da cultura, de tal modo que a transição da humanidade para uma vida em que a cultura é elevada à máxima potência em seu aspecto relevante, não exige mudanças biológicas hereditárias. De acordo com Fromm (1983) é comum coexistir mudanças gradativas acometidas no decurso da vida em sociedade, mutações benéficas conhecidas como necessidades reais segundo Marx e que se reconhecem como superação. No limiar desse argumento e por um ponto de vista ontológico, o homem autodidata forma-se como ser autoconsciente e crítico sobre a compreensão de si, assim como da realidade objetiva circundante. Porém, apreender toda essa dissolução herdada de um mundo complexamente simbólico, com outras palavras, angariar este *status* de superação com as próprias forças humanas é tarefa bastante árdua e in(tensa) e que, todavia, isso só realmente se corporifica ou se concretiza graças à linguagem e de sua função mediadora e organizadora ao tratá-la como fenômeno interacional.

O presente artigo vem tratar da importância do fenômeno linguagem para a formação do indivíduo enquanto humano e de sua interrelação; da constituição e predomínio do homem, a partir de atos simbólicos no interior de práticas sociais, face a face ou interativa, como também da condição da subjetividade como aliada à superação e autoconsciência de um ser que se diz humano. Com esse propósito, no primeiro tópico, abordaremos à luz de uma perspectiva interacional e cognitiva da linguagem, como a consciência humana se

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na disciplina “Formação de Educadores” como aluno especial do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

corporifica através de manifestações linguísticas e discursivas, além disso, discutiremos também da questão da subjetividade inerente à linguagem e de seus processos constitutivos. No segundo tópico, apresentaremos brevemente sobre o que a Psicologia Histórico-Cultural tem a contribuir para os estudos sobre a formação humana. Após conhecermos um pouco sobre a manifestação da cultura e de sua apropriação em nossas veias sociais, é, justamente, no terceiro e último tópico que trataremos da condição do homem e suas relações com o meio social e econômico, apresentando traços de sua alienação e possível superação, mediatizados pela linguagem e cultura formada.

Nesse sentido, questionar-se sobre a (trans) formação humana é indagar-se sobre o processo histórico de construção da cultura a que todo sujeito é submetido, uma vez que é a partir dessa construção que o homem vai humanizando o mundo circundante e a si próprio movido pela linguagem. Nessa dinâmica, o homem já humano constrói sua possível liberdade à medida que os processos constitutivos sociais sejam reflexo puro de decisões coletivas e conscientes, superando a alienação a qual tem dominado os homens nos últimos tempos. O percurso teórico-metodológico deste texto se configura em desdobramentos linguísticos e discursivos (MATÊNCIO 2007; PINTO 2007; MORATO 2005; SANTOS; LIMA 2010; VAN DIJK, 2004, etc.), como também de breves estudos sobre a subjetividade (BENVENISTE 1976; MARTINS 2004, etc.), da Psicologia Histórico-Cultural (LEONTIEV 1978; LURIA 1979; VIGOTSKI, 1996; MARTINS, 2004, etc.) e da Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 2005; DUARTE, 2004, etc.).

## 1 LINGUAGEM, (INTER)AÇÃO E CONSTRUCTO SOCIAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As realizações linguísticas, que acontecem em nosso dia a dia, são construídas por meio de processos sociointeracionais, em outras palavras, nossa competência na língua se configura graças aos ciclos de convivência que vamos criando durante nossa vida. Santos e Lima (2010) ao estabelecer ponte com essas descrições afirmam que as relações sociais surgem como ‘guindaste’ para o entendimento do elo indissociável entre indivíduo e sociedade, o sujeito é, então, designado como agente e transformador de suas próprias práticas e papéis sociais, correspondendo como uma identidade construída sociointerativamente.

Esse legado é responsável pela produção da historicidade do ser humano que o movem à história social da humanidade, ou melhor, ao processo de humanização, fazendo-o ser sujeito ativo e partícipe deste vasto combate ideológico de organismos sociais. Por essa ótica, os seres humanos agem para produzir meios de satisfação de suas necessidades vitais e verdadeiras (MARX & ENGELS, 1993). A fim de efetivar tal proeza, o indivíduo, então, só alcança existência graças à presença do outro, pois nada somos fora das relações com os outros, *o ser só é ser ao se relacionar* (grifo meu). A própria palavra “relação” produz sentido de necessidade do outro e é a linguagem a viabilizadora desse processo. Matêncio (2007, p.55) também está em acordo com esse posicionamento ao afirmar que “a língua e as demais formas de manifestação da linguagem são instrumentos, forjados, historicamente, nas interações sociais”. Numa tensa colisão dialógica, o ser dialogicamente ativo, responde por aquilo que foi dito, produzindo e, ao mesmo tempo, revelando sua consciência linguística e social. Sobre o desenvolvimento desses tipos de consciência, Pinto (2007) explana o seguinte:

O desenvolvimento da consciência envolve a interação com os valores mobilizados por uma sociedade: nossa consciência emerge e se desenvolve na medida em que interagimos com (e absorvemos) os valores que deverão determinar nossa vida e nossos comportamentos nas sociedades nas quais vivemos (...). Assim, a apreensão e elaboração do pensamento intelectual não acontecem isoladamente, sem levar em conta os impulsos, as tendências, os desejos, as impressões e as imagens idiossincráticas da percepção do mundo que nos rodeia (PINTO, 2007, p. 114-5).

Dessa forma, o processo dinâmico da linguagem situa-se e pode ser encontrado nas estruturas sócio-históricas, apresentando-se, pois, como o ponto de partida para o funcionamento e desenvolvimento social e cognitivo. Em outras palavras, Geraldi (1991, p. 6) diz que “os sujeitos se constituem como tais à medida que interagem com os outros, sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como “produto” deste mesmo processo”. E é justamente para melhor apreender e captar a natureza que os processos linguísticos e mentais se complexificam, pois tornar a realidade inteligível, papel este primordial, “é conquista do desenvolvimento histórico da atividade humana” (SAVIANI, 2003). É, portanto, a tríade interação, sociedade e língua que caracteriza a linguagem como multifacetada, com divergentes propósitos e funções.

A partir dessa categorização, a linguagem não é entendida aqui como sistema formal ou código fechado, mas como uma atividade que exige elementos de ordem externa (cultura, história, interação, cognição), pois se levamos em consideração caminhos que tenham como destaque as experiências, as vivências, os valores culturais e o reconhecimento de saberes internalizados do homem (VAN DIJK, 2004), a linguagem deixa de assumir uma posição interna à língua e passa a congrega uma posição externalista no sentido de não apenas aderir ou se limitar ao sistema interno que lhe é naturalmente fechado, mas pelo modo através do qual os fenômenos linguísticos possam se relacionar com o mundo externo e servirem de base aliada aos estudos da formação e caráter humano. De acordo com Martins (2011, p. 47), “graças ao desenvolvimento da linguagem, requerido pela natureza humana, superamos os limites da representação sensorial imediata da realidade”. Ou seja, por meio dessa transição de interioridade para exterioridade, a linguagem encontra significação no valor intersubjetivo constituído nos diferentes universos sociocomunicativos, do balbuciar humano ao compartilhamento de ideias consistentes, o ser já começa a se lapidar e a se tornar existente.

Segundo Matêncio (2007, p.51), a ação da linguagem integra a ordem simbólica ao real na atividade, esse ponto de vista concebe a realidade como sendo edificada e coordenada por meio de signos, funções psíquicas superiores na nomenclatura de Vigotski (1996). Como afirma Angel Pino (2005), “a atividade neuronal superior dos seres humanos não é, como já foi uma vez considerada, simplesmente “atividade nervosa superior”, mas sim uma atividade nervosa superior que interiorizou *significados sociais derivados da atividade cultural dos seres humanos mediados por signos*” (grifo meu). Essa reflexão dá importância, segundo Martins (2004), aos modos de funcionamento sociais, às formas de organização e produção de cultura, além das *formas de agir, sentir e ser* com o intuito de compreender a espécie humana (grifo meu). No universo linguístico e também psicológico, o recurso mediador é o signo que, segundo Vigotski (1996, p. 70), “o signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho”. Só desse modo, o indivíduo poderá adaptar a sua realidade ao mundo como ele o vê, observa e analisa. É, portanto, a partir da linguagem de cada um, que se é possível “julgar da maior ou menor complexidade a sua concepção de mundo” (GRAMSCI, 1966).

Significar e significar-se para o mundo, esse é o ápice da vida e papel essencial de qualquer ser que se diz genuinamente humano. Assim, apenas pela corporificação das imagens subjetivas do indivíduo, consciente e mediatizado, é que se é possível captar a realidade em seu movimento e (trans)formação, em essência, pela sua historicidade. A realidade concreta, pois, *afeta* o sujeito na forma composicional de seu movimento e é configurando-se sob formas de ideias a serem conservadas pela consciência, que o indivíduo historicizante poderá “atribuir significados e chegar ao sentido de suas próprias ações (MARTINS, 2004) (grifo meu). Diante dessa visão, o indivíduo “pode tornar-se um objeto para si mesmo” (MEAD, 1963, apud MORATO, 2005, p. 321), ou seja, o próprio comportamento humano, na interação face a face, pode servir-se como aliado para o entendimento da realidade social a qual o sujeito participa e vivencia. Daí o caráter marcadamente metassocial adquirido durante as relações sociais.

Logo, “a língua não é só signo, é ação, é trabalho coletivo dos falantes, não é simplesmente um intermediário entre nosso pensamento e o mundo” (MORATO, 2005, p. 317). A linguagem utilizando-se certamente como instrumento de comunicação passará a ser caracterizada com outro olhar condizente ao mundo exterior. É através de laços contratuais imersos em uma sociedade que interagimos e nos compreendemos como também “influenciamos os outros com nossas opções relativas ao modo peculiar de ver e sentir o mundo, com decisões conseqüentes sobre o modo de atuar nele” (FRANCHI, 1977,18-9). Sendo assim, segundo Duarte (2004, p. 50), “o processo de objetivação da cultura humana não existe sem o seu oposto e, ao mesmo tempo, complemento, que é o processo de apropriação dessa cultura pelos indivíduos.

Com isso, a significação e a comunicação não se destoam, mas se complementam, uma vez que, estas duas instâncias são indissociáveis nas práticas sociais. É provável então que essa descrição indica que também: “a interação – e tudo o que é afeito a ela – produz sentido, *o sentido é produção de interação*; o outro é necessário para sabermos o que estamos a dizer, e mais, para construirmos o sentido daquilo que estamos a dizer” (MORATO, 2005, p. 318) (grifo meu).

## 2 LÍNGUA(GEM) COMO ATIVIDADE SIMBÓLICA E INTERSUBJETIVA

Cada sujeito ou falante desempenhará sua função e inserção no mundo simbólico a depender dos traços cognitivos e culturais constituídos e ancorados de forma partilhada múltiplas vezes em sociedade. Sobre a importância da presença do outro e a construção de significados na conversação face a face, Goffman (1988) diz muito bem que:

(...) cada participante entra em uma situação social portando uma biografia já rica de interações passadas com outros participantes – ou pelo menos com participantes do mesmo tipo, do mesmo modo, ele vem com um grande conjunto de pressuposições culturais que presume serem partilhadas (GOFFMAN, 1988, apud MORATO, 2005, p. 320).

A linguagem é, pois, a força motriz que carrega e impulsiona o conhecimento prévio do sujeito a se construir sóciohistórico e interativamente. Nesse sentido, a interação nada mais é que a base da construção e apropriação do conhecimento e da dupla natureza da linguagem (cognitiva e social). Se interagimos é por que possuímos além de domínios cognitivos, formas de expressão moldadas e remoldadas a partir das experiências sociais. A cada novo contexto de interação, novos sentidos são emitidos, recuperados e remetidos, graças à presença do *outro* no trabalho social com a linguagem (grifo meu). Nesse sentido, o sujeito é social já que a linguagem não é o trabalho de um artesão, mas de vários artesãos. Cria-se o significado, modela-o e remodela-o conforme as intenções e necessidades do interactante. Com isso, podemos dizer que, a linguagem é um trabalho puramente coletivo, pois, é com os outros e para os outros que ela se constitui. Daí o seu caráter marcadamente intersubjetivo na trama da formação cultural e humana.

A cognição passa a ser construída a partir de um constructo social e não individual. Logo, segundo Marcuschi (2003) “o conhecimento é um produto das interações sociais e não de uma mente isolada e individual”. Na interação, seja ela com a realidade ou com outro indivíduo, nascem os sentidos numa espécie de prática coletiva (MARCUSCHI, 2003). Para Kock (1997), as ações dos sujeitos sobre a língua e o sentido atribuídos são de natureza eminentemente sociocognitiva. Sob essa perspectiva, a interação é o espaço onde se permite uma abertura para diálogos nos quais os sentidos são provocados e mobilizados pela linguagem e que só tomam profundo significado para a formação humana, quando herdados de relações sociais.

Os signos são, então, feitos humanos, de tal modo que transformam as relações sociais em funções psíquicas e, por isso, são elementos constitutivos do homem (SMOLKA, 2000). Dizendo a mesma coisa, mas com outras palavras, “é na concreticidade da vida que se originam as palavras e as razões de ser dessas palavras, grávidas da complexidade da teia humana” (ALVES, VIEIRA, FAITÃO, SIGNOR & ZAMONNER, 2010). Nesse contexto, o ser nada mais é que um sujeito sócio-histórico e, como tal, se insere num mundo cultural a partir de sua subjetividade, de suas acepções sobre o movimento objetivo da realidade. “Somente como parte desse conjunto é que a ação individual adquire um sentido racional” (DUARTE, 2004). A linguagem é, portanto, vista como resultado de atos simbólicos socialmente construídos e o efeito que os signos ou imagens subjetivas causam nos leitores, produtores e receptores de linguagem, não simplesmente por ações lingüísticas – *o homem afeta e afeta-se*.

É desse modo que podemos dizer que o desenvolvimento da consciência lingüística e social do homem se configura graças aos modelos e *formas de agir* do ser humano e das produções culturais via linguagem (grifo meu). Durante os processos constitutivos humanos, não existe a primeira nem a última palavra a ser lançada, como também não há limites para o contexto dialógico. Ou seja, nos processos de interação social, não existem limites para a produção de sentidos, pois à medida que se vão criando novos sentidos para o mundo circundante, a partir de discussões face a face, haverá sempre a necessidade de produzir outras novas acepções, dada a interferência cognitiva diferenciada de cada sujeito-agente como das necessidades objetivas do contexto de produção. Desse modo, segundo Martins (2004), o indivíduo se apresenta em unidade com a sociedade e sua existência se concretiza no momento de *autodiferenciação* dessa sociedade, incomodado com a situação vigente, confere-lhe um papel de sujeito ativo no processo de construção de si e da realidade.

Por essa ótica, pode-se afirmar que “uma língua sem expressão da pessoa é inconcebível” (BENVENISTE, p. 287, 1976). No interior desse pensamento, a linguagem se torna de tal forma organizada que permite a cada indivíduo apropriar-se da língua e da cultura, designando-se como eu – nesse contexto, a linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, como postula Benveniste (1976). Pessoa e subjetividade são tomadas como unidade e propriedade de um ser particular que transcende a realidade concreta. Essa é a lógica de formação do ser movida por sentidos intersubjetivos, quando se tem como resultado:

As significações disponibilizadas como objetos de apropriações que vão converter-se em dados do reflexo psíquico de um indivíduo determinado, passando a ocupar nele um lugar específico, a desempenhar um papel na vida desse indivíduo e em suas relações com o mundo, ou seja, adquirem um sentido subjetivo (MARTINS, 2004, p. 89).

Por essa contextualização, a subjetividade põe-se como atributo do indivíduo e é a compreensão dessa subjetividade que determina a apreensão do desenvolvimento socio-histórico em circunstâncias objetivas. Em outras palavras, o resultado da atividade intersubjetiva condiciona-se em objetivações da realidade. A evolução da consciência subjetiva do homem é que garante a apropriação das objetivações, ou seja, sua própria objetivação como pessoa.

### 3 HOMEM E CULTURA: ELOS CONSTRUTIVOS E INDISSOCIÁVEIS

O domínio da cultura constitui instrumento indispensável para a participação política das massas (...). O dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação (SAVIANI, 2001 apud MARTINS, 2011).

Construir cultura é condição máxima e necessária para a elevação da alma e do caráter. Mas, para produzir tal proeza, o homem procura, no núcleo da sociedade, intervir com relevantes transformações sociais, a fim de adquirir aptidões essenciais à formação humana. O desenvolvimento, portanto, da humanidade; sua história e herança cultural, em uma única palavra, a educação se define, se molda e se prevalece conforme leis sociohistóricas (re)definidas e não por hereditariedade biológica. Esta é a concepção adotada por Leontiev (1978). Para esse estudioso, o homem, insatisfeito, constrói aptidões e novos comportamentos, com o intuito de legitimar e importantizar sua presença no seio das (trans)formações sociais e humanas, em determinadas circunstâncias, de modo que cada indivíduo aprende a ser homem, o que a natureza lhe oferece quando nasce não lhe basta para (con)viver em sociedade. Logo, é preciso, de imediato, extinguir essa atmosfera de ‘dominação’ o qual o homem tem aptidão e faculdades necessárias a sua superação – *superar-se para não ser superado* (grifo meu). Sendo assim, o antídoto se encontra na apropriação da cultura.

Categoriza-se o animal-homem como ‘insatisfeito’, por haver inconformação própria em se situar no mundo, pois ele, todavia, almeja participar das predileções que engendram um universo com ricas e raras culturas, uma vez que a satisfação limita, encerra, afaga, sem oferecer abertura para mudanças de origem humana e o que se torna realmente preciso é *desacomodar-se* diante das transformações acometidas para, enfim, agir (grifo meu). Em consonância com essa afirmação, Cortella (2006) ao citar Guimarães Rosa diz: “O animal insatisfeito, dorme”. Esse ponto é o que mais demonstra a importância do domínio social e como o homem explora e desenvolve suas competências e habilidades em meio social, segundo o exposto por Leontiev (1978). Se não nascemos prontos e necessitamos de uma remodelagem de nossas formações enquanto humanos, é, portanto, a cultura que busca manter o homem no ápice de suas transformações. Não obstante, é sob a influência decisiva da cultura que o homem se vê afetado e, nessa inconformidade, pelo organismo social vigente, o faz produzir sentidos corporificados em objetivações (MARTINS, 2004).

Seguido essa premissa, Leontiev (1978) aprimora seu discurso ao testemunhar que os homens não fazem senão se adaptar à natureza, modificando-a em função do desenvolvimento de suas necessidades. Esta é a maior prerrogativa ou privilégio de herança humana. Todavia, o bicho-homem, impossibilitado de se desenvolver culturalmente, adere uma monotonia existencial aguda; seu intelecto e autonomia comprometem-se, sendo a satisfação o único caminho a seguir. Mas, esse não é o resultado anunciado por Leontiev (1978), Luria (1979) e Vigotski (1996), ao passo que, a educação/cultura, maior condição humana, se materializa, através da atividade mental e natural, criadora e produtiva do homem em se formar e se estabelecer no processo de interação com outros homens, sendo a apropriação do saber, resultado da atividade cognitiva expressa por gerações precedentes da história cultural.

Essas gerações humanas extinguem-se e sucedem-se, mas a criação sobrevive, ultrapassa gerações e gerações seguintes, e se multiplica e se aperfeiçoa pelo trabalho constante e pela luta por novas formações que lhe foram transmitidas no antepassado (idem, ibidem). Assim, se justifica o desenvolvimento da humanidade. Em poucas palavras e utilizando-se do recurso de aliteração<sup>2</sup> – formações precedentes formam novas formações na contemporaneidade. Nesse movimento histórico dialético, o ser vai fazendo e se fazendo. É nesse cenário de interação e transmissão do saber das novas gerações que a história cultural da humanidade tende a recomeçar.

Quanto maior o progresso da sociedade, maior o crescimento da função social da educação e mais complexo é seu objetivo (SAVIANI, 2005). Porém, diante dessa prerrogativa, o homem precisa formular suas aptidões, *funções psíquicas novas*, nomenclatura de Leontiev (1978), pois, quando for ‘atingido’ por fenômenos culturais extraídos de organismos sociais como o capitalismo, não se sinta desarmado, retraído e indefeso ao

---

<sup>2</sup> Efeito linguístico e estético que consiste na repetição de sons consonantais idênticos em um verso ou frase.

expor suas construções ideológicas ancoradas no diálogo e enfrentamento de culturas e formadas no decurso de um processo sociohistórico (re) definido.

É nessa tensa luta ideológica entre culturas que o homem encontra espaço para o desenvolvimento cognitivo e social, pois, como bem postula Leontiev (1978), o homem não nasce dotado de aquisições históricas da humanidade, só apropriando-se delas, no decurso da vida, que ele adquire propriedades e faculdades genuinamente humanas. Os homens, então, criam suas capacidades à medida que conquistam as objetivações humanas (MARTINS, 2004). Sendo assim, o autêntico desenvolvimento do homem constitui uma concretização, um progresso e o resultado de suas aptidões e faculdades. É, portanto, na corporificação dessas faculdades e conceitos que o homem vai se apropriando da cultura, objetivando-os para além dos limites de sua existência individual com o intuito de estabelecer um norte para sua vida.

### 3.1 CULTURA *VERSUS* CONTRACULTURA: UM COMBATE IDEOLÓGICO

Construir cultura para a objetividade humana faz com que a alienação se desintegre, se desestruture, fazendo com que esta perca forças para se reerguer. Esta é a função primordial da cultura. Sendo assim, é preciso evitar a desintegração da unidade da consciência humana que dá origem ao aparecimento da relação de alienação. Aprender o mundo com suas próprias forças humanas, tornando-se unido a este é meta principal do socialismo, expresso por Karl Marx. O desenvolvimento, portanto, dessa força humana é seu próprio fim, a exata conclusão, o verdadeiro reino da liberdade. Diante desses argumentos, podemos afirmar que, a *verdadeira* cultura é aliada do socialismo (grifo meu).

Porém, para atingir tal cenário de ‘liberdade’, a produção sistemática socioeconômica de uma sociedade tem-se que caracterizar e transformar-se como racional e não-alienada, a partir da autoconsciência, alavancando valores e discernimentos condizentes à expressão: “homem enquanto humano”. Para Fromm (1983), Marx acreditava que, por este novo modo de uma sociedade não-alienada e de produção associativa, o homem se tornaria independente e não mais seria invalidado pelo sistema alienador de produção e consumo, ele, então, se transformaria no “senhor e criador de sua própria vida” e sobrevivência (idem, ibidem). Categorizamos o termo “produção” não apenas como social ou econômica, mas, sobretudo, cultural. Seguindo essa premissa e na ausência da alienação, o desenvolvimento urge, grita para tomar caminho frente às decisões do homem e entre os homens; permite efetivar a essência deste homem, superando o seu provisório afastamento do ciclo social, tornando-o “consciente, universal e livre” (MARTINS, 2004).

Com relação a esse panorama conceitual sobre o homem, o socialismo procura atender as necessidades deste, mas classificamos, nessa situação transcrita, o termo ‘necessidade’ como verdadeira; aquela cuja força do trabalho humano extraia o sumo da essência de um ser realizável, satisfeito e completo (MANACORDA, 1991). Uma necessidade que permita o homem transcender sua formação cultural e existencial cujo papel social se justifica no estranhamento do que é exposto pelo sistema capitalista e no ‘encarar’ o socialismo como condição para liberdade extrema e criatividade humana. Na criação dessa necessidade verdadeira, sobrevive, portanto, a possibilidade de evitar a exploração do homem sobre o homem e de sua atitude exploradora frente à natureza (SAVIANI, 2005). Esse protesto social, então, ao sistema, angaria uma união à natureza e não a dominação sobre ela. Esta nova união é, na verdade, um tipo de reconciliação do homem consigo mesmo, com a natureza e com o próximo.

Com o propósito de fortalecer este discurso socialista, para Leontiev (1978), a causa do fortalecimento e hierarquia do capitalismo em nossas vidas é “porque as relações entre os países não assentam nos princípios da igualdade de direitos, da cooperação e entreatajuda, mas no princípio da dominação do forte sobre o fraco”.

Este é o ponto que produz a auto-alienação humana, a volta do homem como produto artificialmente conduzido. Partindo-se desse pressuposto, o socialismo de Marx, exposto por Fromm (1983), todavia, reconstrói a sociedade de tal maneira que faz dela a base para um verdadeiro *regresso e recomeço do homem*, sem necessitar da presença de determinadas forças autoritárias que limitam ou empobrecem o intelecto humano (grifo meu). “É a serviço dessa superação que a educação se põe como trabalho de educação das consciências” (VÁSQUEZ apud MARTINS 2004, p. 160).

No interior de uma formação fidedignamente humana, de base socialista, o homem congrega paz de espírito, segundo Fromm (1983) “(...) se sente em casa”, já não mais idealiza, mas materializa suas novas aptidões provocadas pela abertura ou liberdade existencial, mesmo que passe a ser provisória em um dado instante, o homem, sem dúvidas, (con)vive feliz, remediado, conservado, íntegro, novo! Em outras palavras e de acordo com Makarenko (1982 apud LOMBARDI, 2005, p. 28) o objetivo central é “inventar o modo de construir o homem novo numa maneira nova [...]”. Ao lado da educação do trabalho e para o ensino, a apropriação da cultura atinge autoconsciência, tomando-se como essa “maneira nova”, só deste modo, tornar-se-ia possível a existência de uma revolução e resistência educacional, tendo como fonte inspiradora, a pedagogia histórico-crítica, de forma a colaborar com o processo de construção do novo, desvinculando-se, pois de tudo que se apresenta como tradicional, retrógrado ou velho que desumaniza o homem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar em um recomeço, a partir dessas contextualizações abordadas, é refletir numa nova possibilidade prática de tomar o caminho do desenvolvimento e formação cultural e humana que nada limite, cercado apenas de fronteiras. Com esse comportamento, a educação, em laços contratuais com a cultura e mobilizada pela linguagem, tende a desenvolver-se, de forma a (trans)formar o homem em ser criador, agente e participativo, sem enxergar entraves geográficos, históricos ou sociais, uma vez que “é na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente” (FREIRE, 2006), permanente sim, mas nunca satisfeito com a realidade e o organismo social a que se insere.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, S. M; VIEIRA; M. M. M; FAITÃO; L. de M; SIGNOR, T. R; ZAMONNER, A. Linguagem, desenvolvimento humano e educação: o foco na educação da infância In: **Revista Travessias**, ed. 08, p. 454-469, 2010.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Ed. Nacional; Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- CORTELLA, Mário. **Não nascemos prontos**: provocações filosóficas. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2006.
- DUARTE, Newton. Formação do indivíduo e alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. In **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 44-63, 2004.
- FROMM, Erich. Conceito marxista do socialismo in **Conceito marxista do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- FRANCHI, C. **Linguagem**: atividade constitutiva. Almanaque, 5: 9-27, 1977.
- FREIRE, PAULO. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

- KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.
- LEONTIEV, A.N. O homem e a cultura. In: LEONTIEV, A.N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978. (p.261-284)
- LOMBARDI, C. Educação, Ensino e Formação Profissional em MARX E ENGELS. In: LOMBARDI, José C. e SAVIANI, Dermeval. **Marxismo e educação: debates contemporâneos**. São Paulo, Autores Associados, 2005. (p.1-38).
- LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral: Introdução evolucionista à psicologia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- MANACORDA, Mário Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.
- MARCUSCHI, L. A. Perplexidades e perspectivas da Linguística na virada do milênio, 2003.
- MARTINS, Lígia Márcia. **A natureza histórico-social da personalidade**. In Cadernos Cedes, Campinas: vol. 24, n. 62, p. 89-99, 2004.
- MARTINS, Lígia Márcia. Pedagogia histórico-crítica e psicologia histórico-cultural in MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. **Pedagogia histórico-crítica: 30 anos**. São Paulo: Campinas: Autores Associados, 2011.
- MARX, K; ENGLER, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- MATENCIO, M. L. M. Textualização, ação e atividade: reflexões sobre a abordagem do interacionismo sociodiscursivo In: GUIMARAES, A. M. M.; MACHADO, A. R.; COUTINHO, A. **Interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2007.
- MORATO, E. M. O interacionismo no campo linguístico in MUSSALIN, F, BENTES, A. C. **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2005.
- PINO, Angel. **As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança** perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.
- PINTO, R. O interacionismo sociodiscursivo, a inserção social, a construção da cidadania e a formação de crenças e valores do agir individual. In: GUIMARAES, A. M. M; MACHADO, A. R; COUTINHO, A. **Interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2007.
- SANTOS, C. C. C; LIMA, G. O. S. **As vozes do discurso: construindo sentidos na interação face a face**. In: III Encontro de Pós-Graduação em Letras, São Cristóvão, anais eletrônicos, NPGL/UFS, 2010, 284-297.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 2003.
- SAVIANI, Dermeval. Educação socialista, pedagogia histórico-crítica e os desafios da sociedade de classes In: LOMBARDI, José C. e SAVIANI, Dermeval. **Marxismo e educação: debates contemporâneos**. São Paulo, Autores Associados, 2005. (p.1-38).
- SMOLKA, Ana Luiza B. Conhecimento e produção de sentidos na escola: a linguagem em foco in: **Cadernos Cedes 35: implicações pedagógicas do modelo histórico-cultural**. Campinas: CEDES, 2000.
- VAN DIJK, T. A. **Cognição, discurso e interação**. 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.